

A economia brasileira e as perspectivas do Macrossetor da Construção para 2004 e 2005

Antonio Braz de Oliveira e Silva*
Luciene Pires Teixeira**

Introdução

O ano de 2005 deve se encerrar com a economia brasileira apresentando um resultado positivo pelo segundo ano consecutivo. Mantidas as previsões, de 2,8% a 3,2% de crescimento, será a primeira vez, desde 1997, que o PIB per capita apresentará incremento por dois anos seqüenciados. Do ponto de vista interno, especialmente em função da crise política vivida, o resultado pode até ser considerado satisfatório, mas levando-se em conta a situação internacional favorável, o desempenho é decepcionante.

Na publicação de abril de 2005 do *World Economic Outlook*¹, o Fundo Monetário Internacional (FMI) destaca a continuidade, ainda que de forma mais moderada, do forte crescimento verificado em 2004, apontando as condições extremamente favoráveis dos mercados financeiros internacionais (“*Global expansion remains broadly on track underpinned by generally supportive macroeconomic policies and notably benign financial market conditions*”). Nos dados divulgados pelo FMI nessa publicação, os resultados preliminares para 2004 e as previsões para 2005 apontam o Brasil numa situação de crescimento comparável com o México, a Coréia do Sul e os Estados Unidos, mas abaixo dos demais países de industrialização recente da Ásia e, na América do Sul, abaixo da Argentina e do Chile (Tabela 1). Observe-se, ainda, que os resultados apontados pelo FMI são superiores aos calculados pelo IBGE para 2004 e acima das previsões oficiais para 2005 (Tabela 2).

* Analista do IBGE- MG e Doutorando em Ciência da Informação - UFMG

** Assessora Econômica da Câmara Brasileira da Indústria da Construção – CBIC, Doutoranda em Economia - UFV

Tabela 1 – Taxa de crescimento do PIB (em relação ao ano anterior) – países selecionados – 2004 – 2005

Países ou Grupo de Países	Em %	
	2004	2005
China	9,5	8,5
Taiwan	5,7	4,0
Hong Kong	8,1	4,0
Coréia do Sul	4,6	4,0
Índia	7,3	6,7
Argentina	9,0	6,0
Chile	6,0	6,1
México	4,4	3,7
Economias Avançadas	3,4	2,6
EUA	4,4	3,6
Área do Euro	2,0	1,6
Japão	2,6	0,8
Brasil	5,2	3,7

Fonte: *International Monetary Fund. World Economic Outlook, April 2005.*

O crescimento previsto para a economia brasileira em 2005, segundo o IPEA² de 2,8%, reflete os resultados positivos da balança comercial e da produção voltada para o mercado interno, especialmente de bens de consumo duráveis, componente com a evolução mais favorável no consumo das famílias³, ampliação do crédito, aumento no nível de ocupação e redução dos índices inflacionários. Outro determinante da demanda interna, a Formação Bruta de Capital Fixo (incluindo seu principal componente – a Construção Civil) também apresenta perspectiva positiva em 2005, mas em ritmo mais lento em relação ao ano anterior. O crescimento estimado para a Construção Civil em 2005, de 3,7%, é bem menor que o obtido em 2004, mas ajuda o setor a acumular dois resultados positivos e consecutivos, o que não se verificava desde 1998 (Tabela 2). Mas ainda assim, as atividades de construção estarão num patamar abaixo daquele verificado em 2000, recuperando apenas o mesmo nível de 1997 (gráfico 1).

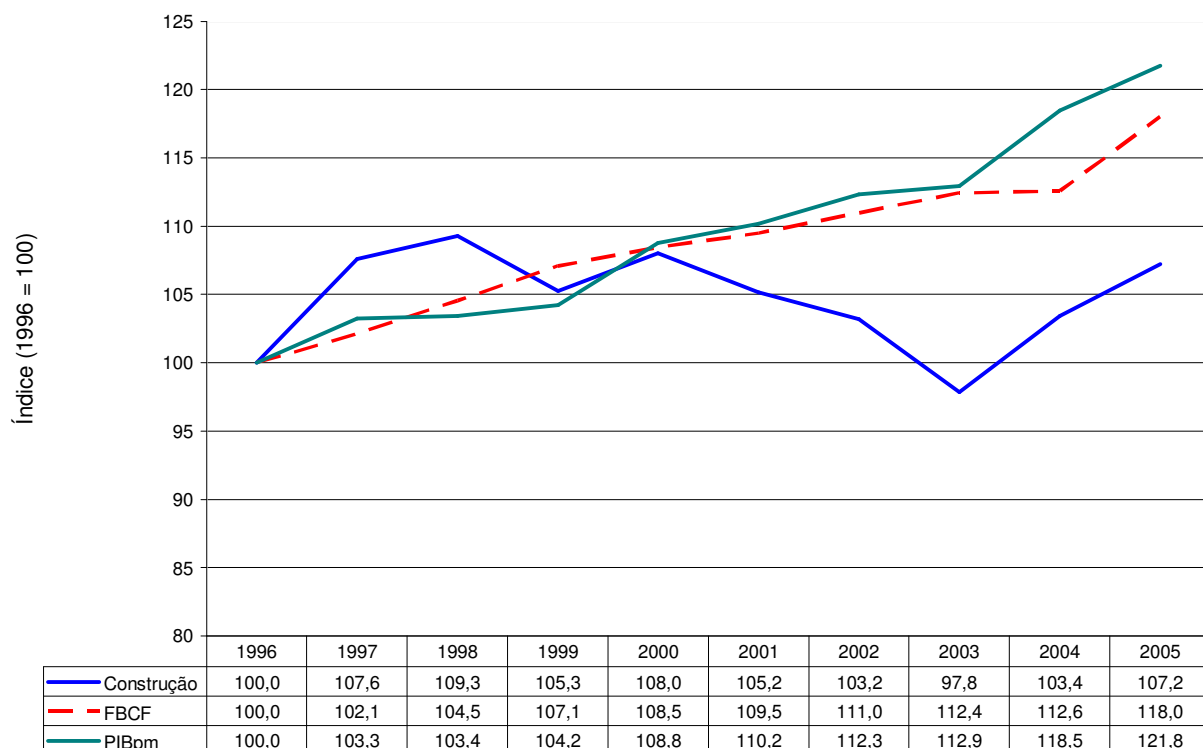
Tabela 2 – Taxa de crescimento anual do PIB – Brasil – 2004 – 2005

Setor de Atividade e Componentes da Demanda	Em %	
	2004	2005
Agropecuária	5,3	3,4
Indústria	6,2	3,7
Construção Civil	5,7	3,7
Serviços	3,3	2,0
PIB a Preços de Mercado	4,9	2,8
Consumo das Famílias	4,1	3,8
Consumo do Governo	0,1	1,0
Formação Bruta de Capital Fixo	10,9	4,8
Exportação	18,0	9,4
Importação (-)	14,3	16,6

Fonte: IBGE (2004 e IPEA (Junho de 2005))

Observe-se que o resultado negativo da construção para os períodos de 2001 a 2003 não foi acompanhado pelo indicador da Formação Bruta de Capital Fixo. Ou seja, apesar do peso da construção na composição relativa desse indicador, estimado em cerca de 71,8%⁴, houve uma recuperação na parcela dos investimentos composta por máquinas e equipamentos de origem nacional e importada, um resultado positivo em meio a um período de estagnação econômica (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Série encadeada do PIB, Formação Bruta de Capital e PIB da Construção - variação real 1996 a 2005 (Índice de base fixa, base: 1996 = 100)



Fonte: IBGE (1996-2004) e IPEA (2005)

A dimensão do macrossetor da construção – Estimativas para 2004 e projeções para 2005

As informações constantes na Matriz do Macrossetor da Construção⁵ informam que o complexo de atividades que o compõe respondeu por cerca de 11,1% do Valor Adicionado da economia. Os resultados positivos verificados em 2004 e previstos para 2005 mais que recuperam as perdas de 2003, mas são insuficientes para retomar a posição de 1998, quando o Macrossetor chegou a representar 14% da riqueza gerada no país.

Tomando-se por base os resultados das Contas Trimestrais (PIB trimestral) divulgadas pelo IBGE, as projeções feitas pelo IPEA para o PIB em 2005⁶ e a estrutura da Matriz do Macrossetor, cuja referência é o ano de 2002, pode-se analisar o comportamento do Macrossetor da Construção e seus principais componentes para 2004 e projetar esse comportamento para 2005.

O crescimento estimado para o Macrossetor da Construção e seus componentes pode ser avaliado a partir dos dados da Tabela 3, a seguir. Os valores mostram um certo descompasso entre as diferentes atividades, especialmente entre a indústria e a Construção. A produção física dos insumos típicos da construção civil apresentou crescimento acumulado de 2,0% até junho de 2005 em relação a igual período de 2004 e mantém nos últimos 12 meses expansão de 5,5%. Os indicadores desagregados por insumos para o mesmo intervalo de tempo (até junho de 2005) mostram quedas nas atividades de produção de Artefatos de concreto, cimento e fibrocimento (-6,8% em relação ao mesmo período do ano anterior); e produção de

Laminados, relaminados e trefilados de aço (-6,3%), enquanto as atividades de produção de Cimento e clínquer e a produção de Produtos diversos de minerais não-metálicos apresentam crescimento de, respectivamente, 10,3% e 3,2%. A análise desagregada por subsetores (edificações, obras de infra-estrutura, etc.) componentes da Construção pode ajudar a esclarecer essas divergências nos resultados da produção acionada pela demanda do setor.

Tabela 3 – Valor adicionado a preços constantes de 2002 e crescimento do Macrossetor da construção – 2002 - 2004

	Valor Adicionado a preços de 2002			Crescimento (variação percentual)		
	2002	2004	2005	2004/2002	2005/2002	2005/2004
Indústria associada à construção	26.132.019	27.441.681	26.720.773	5,0	2,3	-2,6
Construção	95.468.793	95.652.223	99.171.201	0,2	3,9	3,7
Serviços associados à construção	11.394.723	11.416.616	11.836.625	0,2	3,9	3,7
Total do Macrossetor	132.995.535	134.510.519	137.728.599	1,1	3,6	2,4

Fonte: elaboração dos autores a partir de projeções com base na Matriz de Insumo-Produto do Macrossetor da Construção – FGV – 2002

Os dados a preços correntes encontram-se na tabela 4, a seguir, e a participação dos componentes do Macrossetor no conjunto das atividades da economia na tabela 5. Os novos resultados não alteram significativamente os valores apurados na Matriz de 2002, mas indicam uma tendência de queda, pela combinação de um menor crescimento econômico e da evolução dos preços abaixo do deflator implícito do PIB. Como já foi mencionado, os diferentes desempenhos dos componentes do macrossetor e a manutenção de taxas de crescimento, embora positivas mas abaixo da média das demais atividades, explicam essa trajetória de queda. De positivo, porém, observa-se o fato da tendência declinante estar atenuada, não se comparando ao forte declínio verificado entre 1998 e 2002.

Tabela 4 - Valor Adicionado e seus componentes (valores correntes em R\$ 1000) e Pessoal Ocupado – 2004 e 2005

Ano	Descrição	Indústria Associada		Serviços Associados		Total das Atividades
		Construção	Construção	Construção	Construção	
2004	Valor adicionado bruto a preço básico	39.383.590	115.100.750	13.960.566	168.444.907	1.581.502.000
	Remunerações	10.344.695	15.994.742	5.336.036	31.675.473	654.903.424
	Excedente operacional bruto inclusive rendimento de autônomos	29.038.896	71.228.328	4.816.425	105.083.649	652.697.984
	Valor da produção	118.809.264	212.021.619	17.493.655	348.324.538	3.344.666.345
	Pessoal ocupado	969.829	4.072.009	1.199.572	6.241.411	70.547.339
	Valor adicionado bruto a preço básico	41.031.533	120.908.706	15.554.828	177.495.066	1.783.524.715
2005	Remunerações	10.494.420	17.419.961	6.164.125	34.078.505	761.957.998
	Excedente operacional bruto inclusive rendimento de autônomos	30.537.113	71.228.328	4.816.425	106.581.866	654.196.202
	Valor da produção	123.780.644	222.720.178	19.491.386	365.992.208	3.803.836.916
	Pessoal ocupado	944.351	4.221.815	1.243.704	6.409.870	72.422.997

Fonte: elaboração dos autores a partir de projeções com base na Matriz de Insumo-Produto do Macrossetor da Construção – FGV – 2002

No conjunto do Macrossetor, a Construção continua a ser a atividade de maior relevância, respondendo por cerca de 68% do valor adicionado, contra 23% da indústria associada e entre 8,2 e 8,7% dos serviços associados. Em termos de geração de empregos, a Construção responde por 62% (em 2004) e 63% (2005), vindo a seguir o conjunto de serviços, com cerca de 19%, enquanto a indústria reduziu sua participação de 15,5% (2004) para 14,7% (2005).

Tabela 5 - Participação do Macrossetor na Economia – 2004 e 2005 (em %)

Ano	Descrição	Indústria Associada à		Serviços Associados à		Macrossetor da	Total das Atividades
		Construção	Construção	Construção	Construção		
2004	Valor adicionado bruto a preço básico	2,5	7,3	0,9	10,7	100,0	
	Remunerações	1,6	2,4	0,8	4,8	100,0	
	Excedente operacional bruto inclusive rendimento de autônomos	4,4	10,9	0,7	16,1	100,0	
	Valor da produção	3,6	6,3	0,5	10,4	100,0	
	Pessoal ocupado	1,4	5,8	1,7	8,8	100,0	
	2005	Valor adicionado bruto a preço básico	2,3	6,8	0,9	10,0	100,0
	Remunerações	1,4	2,3	0,8	4,5	100,0	
	Excedente operacional bruto inclusive rendimento de autônomos	4,7	10,9	0,7	16,3	100,0	
	Valor da produção	3,3	5,9	0,5	9,6	100,0	
	Pessoal ocupado	1,3	5,8	1,7	8,9	100,0	

Fonte: elaboração dos autores a partir de projeções com base na Matriz de Insumo-Produto do Macrossetor da Construção – FGV – 2002

Ainda que tenha se verificado uma ligeira queda na participação do Macrossetor na economia, o complexo responde direta e indiretamente por uma parcela considerável do comportamento de vários setores de atividade, entre os fornecedores de bens intermediários. Considerando-se a massa de salários gerada nessas atividades, pode-se também medir o efeito do consumo dos trabalhadores dessas atividades na demanda por bens e serviços que compõem a sua cesta de consumo (denominado efeitos induzidos).

Os Efeitos sobre o restante da economia

Se forem considerados os efeitos do Macrossetor sobre os demais setores da economia, isto é, os seus efeitos multiplicadores, pode-se observar dois tipos de coeficientes: os diretos+indiretos que representam o efeito do Macrossetor sobre os seus fornecedores de insumos e serviços e os efeitos diretos+indiretos+induzidos que, além daqueles, consideram ainda os efeitos do consumo de bens e serviços a partir das remunerações pagas no Macrossetor. Foram feitas estimativas para 2004 e 2005 com base na estrutura da Matriz do Macrossetor para 2002. O resumo dos efeitos pode ser visto na tabela 6, a seguir. Deve-se destacar que os efeitos sobre os empregos diminuem conforme se avança no tempo em relação ao ano base, em função da inflação.⁷ Os resultados apresentados para o valor adicionado são consistentes com as análises anteriores, com o Macrossetor tendo sua importância na redução de riqueza reduzida no período, ainda que em proporções menores que no período 1998-2002. Ainda assim, trata-se de um conjunto de atividades com grande importância na economia, especialmente quando considerados os seus efeitos sobre o nível de vida da população (novas residências, obras de saneamento) e sobre a infra-estrutura econômica (obras rodoviárias, portos, montagem industrial).

Tabela 6: Efeitos diretos + indiretos + induzidos da demanda final sobre os elementos do valor adicionado e pessoal ocupado – 2002 - 2004

OPERAÇÕES	2002		2004		2005	
	Macrossetor	Total das Atividades	Macrossetor	Total das Atividades	Macrossetor	Total das Atividades
Valor adicionado bruto a preço básico (em R\$ mil)	246.568.111	1.199.144.873	287.510.174	1.581.502.000	302.634.538	1.783.524.715
Pessoal ocupado	12.455.158	66.373.200	11.746.273	70.547.339	11.848.173	72.422.997
Participação %						
Valor adicionado bruto a preço básico	20,6	-----	18,2	-----	17,0	-----
Pessoal ocupado	18,8	-----	16,7	-----	16,4	-----

Fonte: Matriz do Macrossetor (2002) e elaboração dos autores a partir de projeções com base na Matriz de Insumo-Produto do Macrossetor da Construção – FGV – 2002 (2004 e 2005)

Comentários finais

Os resultados apresentados pela economia brasileira em 2004 e as projeções para 2005 têm como principal característica a recuperação do crescimento para dois anos consecutivos e a perspectiva de continuação dessa trajetória, o mesmo se observando para o Macrossetor da Construção. No entanto, persiste a idéia que, embora positivo, os resultados estão muito abaixo do potencial de crescimento da economia brasileira e das atividades ligadas à construção, por exemplo, quando se compara com as economias de outros países ou quando se leva em conta o cenário internacional favorável. Na perspectiva da Construção, quando se considera seu grau de ociosidade operacional, baixo crescimento médio nos últimos anos e as carências nas áreas de infra-estrutura e habitação, os resultados são ainda mais decepcionantes. Espera-se que uma política macroeconômica mais compatível com o crescimento possa ter lugar no próximo ano. Já há espaço para uma política monetária que reduza as taxas de juros, aproveitando-se das condições benéficas da inflação controlada e dentro das metas estabelecidas e da situação internacional favorável, sem riscos para os fluxos de investimentos estrangeiros. Esta nova estratégia econômica terá efeitos diretos sobre a demanda por construção e também indiretos, pois ao reduzir o custo da dívida pública pode liberar recursos adicionais para os investimentos necessários em infra-estrutura. Essa complementação de recursos seria resultado de uma política fiscal mais coerente com os objetivos de crescimento econômico sem des controle dos principais fundamentos da economia.

¹ *International Monetary Fund. World Economic Outlook, April 2005.* Disponível em <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2005/01/index.htm>>

² Boletim de Conjuntura nº 69, junho de 2005, disponível em <http://www.ipea.gov.br/pub/bccj/bc_69.zip>.

³ Enquanto os bens de consumo como um todo cresceram 8,8% no 1º semestre de 2005 frente ao mesmo período do ano anterior, os bens de consumo duráveis cresceram 16,7% e os bens de capital 3,8%.

⁴ De acordo com a Matriz do Macrossetor da Construção de 2002. Câmara Brasileira da Indústria da Construção – CBIC e Fundação Getúlio Vargas, 2004.

⁵ Matriz do Macrossetor da Construção de 2002. Câmara Brasileira da Indústria da Construção – CBIC e Fundação Getúlio Vargas, 2004.

⁶ Foi feita uma agregação da Matriz do Macrossetor para torná-la compatível com a classificação adotada pelo IBGE nas Contas Trimestrais. Assim, foram analisadas as seguintes atividades: Indústria associada à construção, Construção e Serviços associados à construção, componentes do Macrossetor, a Agropecuária, a Indústria Extrativa, a Indústria de transformação, os Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP), o Comércio, os Transportes, as Comunicações, as Instituições Financeiras, os Outros Serviços, o Aluguel de imóveis e a Administração Pública. O índice de quantum da Indústria associada à construção foi estimado a partir dos resultados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF/IBGE), para as atividades de 'Extração de minerais não-metálicos', 'Vidro e produtos de vidro, exclusive embalagens', 'Cimento e clínquer', 'Artefatos de concreto, cimento e fibrocimento', 'Produtos diversos de minerais não-metálicos', 'Laminados, relaminados e treilados de aço' ponderada pela participação dessas atividades no Consumo Intermediário

do Macrossetor da Construção. Foi usado o Índice de Preços no Atacado - materiais de construção (IPA-DI/FGV) e o índice Nacional de Preços ao Consumidor (IPCA/IBGE) para os serviços associados à construção, mantendo-se o coeficiente técnico constante. Com a combinação dos índices, foi possível estimar o pessoal ocupado para 2004 e 2005, introduzindo-se a hipótese de produtividade média constante.

⁷ Todos os coeficientes da Matriz de Insumo-Produto são adimensionais, uma vez que foram calculados a partir da divisão dos fluxos monetários de consumo intermediário (ou pagamento de salários ou impostos) em relação ao valor da produção. Já o coeficiente de emprego é uma razão entre o número de pessoas ocupadas em relação ao valor da produção, resultando numa razão que sofre variação com a evolução dos preços de produção. Para se eliminar esse problema, pode-se estimar os resultados a preços constantes de um ano base.